



ÉTICA, LIBERDADE E DETERMINISMO: OS LIMITES DA AÇÃO HUMANA E O PROBLEMA DA SUSTENTABILIDADE

Paulo Eduardo de Oliveira

O ser humano é um ser em permanente construção. Nunca estamos completamente prontos. “Caminhando se abre caminho” e vivendo se constrói a vida. Vivemos na tensão daquilo que somos com aquilo que queremos ser. Nisso também somos irmanados com a natureza, que se encontra num permanente e dinâmico processo de evolução.

O que somos, no momento em que tomamos consciência de nossa própria vida, já foi em certa medida determinado. Jean-Paul Sartre¹ expressa muito bem essa ideia quando afirma que a pergunta fundamental que devemos fazer é: “o que vou fazer daquilo que fizeram de mim?”. Isso significa que, quando tomamos consciência de que podemos escolher, muitas escolhas já foram feitas por outras pessoas ou por circunstâncias impessoais. De fato, como afirma José Ortega y Gasset², “eu sou eu e minhas circunstâncias”. Isso é o que somos. Isso já nos permite uma primeira aproximação à questão da sustentabilidade, pois não somos seres isolados numa ilha, mas membros de uma mesma e única comunidade humana, na qual a ação de um interfere na vida de todos os outros. É a partir dessa noção de sustentabilidade, como empenho comum em conservar as condições de vida para todos, é que nasce a própria ética³.

O que queremos ser, contudo, faz parte do reino da liberdade. A partir do que sou, posso fazer escolhas e opções, embora não possa fazer *todas* as escolhas nem tenha *todas* as opções. Posso viver um projeto (na expressão de Martin Heidegger⁴, um *pro-jeto*: lanço-me para frente

a partir daquilo que sou). Um projeto de vida, portanto, nunca é um salto para o absolutamente novo: sempre é a continuação possível daquilo que constitui nossa existência concreta. Só existe projeto absolutamente novo para aquilo que não existe (esse é o sentido pejorativo da palavra utopia: aquilo que não existe em lugar algum).

Vivemos, assim, na tensão entre liberdade e determinismo. A liberdade é a capacidade de escolha e de adesão, acrescida da possibilidade de dizer não (do contrário, seria imposição e deixaria de se configurar como liberdade). Por determinismo⁵, compreendemos a situação na qual as escolhas são limitadas em face daquilo que, como a palavra mesmo diz, já foi *determinado*.

DETERMINISMO FÍSICO E ONTOLÓGICO

Analisemos a forma mais elementar de determinismo: o físico ou ontológico. Ontológico⁶ significa que está na raiz de nosso ser, aquilo que faz sermos o que somos. Assim, quando tomamos consciência de nossa vida e resolvemos assumir nosso destino, muitas coisas já foram determinadas em relação às condições físicas ou ontológicas de nossa existência. Para dar um exemplo: nascemos do sexo feminino ou masculino e não fomos nós que escolhemos. Esse simples fato, já determinado em nossa história pessoal, condiciona todas as outras escolhas que faremos ao longo da vida. Sendo homem, não poderei fazer certas escolhas que são próprias das mulheres. Sendo mulher, alguém não poderá fazer algumas escolhas que me são possíveis na condição masculina. E isso não tem nada que ver com discriminação. É óbvio que a tentativa de igualar os dois gêneros é possível em alguns aspectos (como a dignidade e os direitos), mas não em outros (como a forma de viver a afetividade e a sexualidade, por exemplo).

Em tempos em que a inclusão passou a ser assunto também na escola, é importante notar que a condição das crianças portadoras de necessidades especiais resulta do determinismo físico ou ontológico. Ninguém queria assim, nem ela nem os pais. Mas, nem tudo é passível de escolha. Como todas as crianças, elas também têm direito à educação e à participação na vida da escola. O que foi determinado pela natureza e pelas circunstâncias não deve, de modo algum, afastar as pessoas ou discriminá-las.

O mesmo deve ser considerado em relação às diferenças de raça, de estrutura física (ser alto ou baixo), as condições de saúde (ser saudável ou apresentar disfunções orgânicas) e a todos os outros aspectos de nossa constituição física. Ninguém de nós escolheu, simplesmente porque nossa liberdade não é absoluta. Podemos fazer escolhas a partir desses determinismos, não mais. Isso nos ajuda a compreender um aspecto importante da sustentabilidade que é a questão cultural:

a *sustentabilidade cultural* caracteriza-se, sobretudo, pelo respeito às condições (deterministas, até certo ponto) das diferentes raças, culturas e tradições que formam a comunidade humana. As pessoas são o que são também por causa de elementos que a situação determinante da vida lhes concedeu, sem que pudessem escolher: por isso devem ser respeitadas também nestes elementos. Neste sentido, cabe ressaltar a importância de educar as pessoas⁷ para uma compreensão sustentável da vida, da cultura, da história.

Isso não implica atitude de simples passividade e resignação: há pessoas com muitos problemas físicos que realizaram, pela força de suas convicções, muito mais do que outros em melhores condições físicas. A superação é sempre possível, mas isso não elimina as condições iniciais, o ponto de partida do qual emergem nossas escolhas.

DETERMINISMO HISTÓRICO E CULTURAL

Do mesmo modo que os condicionamentos físicos ou ontológicos, há uma forma de determinismo que se enraíza nas condições históricas e culturais de cada um de nós. Por exemplo: pelo simples fato de eu ter nascido no século XX e não em plena Idade Média, muitas de minhas possíveis escolhas foram limitadas. Eu não posso almejar ser um cavaleiro nas Cruzadas ou um senhor feudal. Eu poderia ter nascido na China ou entre os maias ou astecas, ou poderia, ainda, ter nascido numa família de esquimós. Se isso tivesse ocorrido, minha vida seria totalmente diferente e minhas escolhas estariam demarcadas pelos limites daquelas situações históricas e culturais.

Portanto, minha liberdade também não é absoluta no que diz respeito aos condicionamentos históricos e culturais: minhas escolhas futuras partirão sempre daquilo que sou e daquilo que *minha tribo e meu tempo* fizeram de mim.

Nesse sentido, vale lembrar que a condição humana está sempre amarrada na história e nos laços que nos prendem aos outros. Portanto, o olhar para o passado e para as outras gerações deve estar sempre carregado de um profundo sentimento de respeito e de gratidão. Os mais jovens pouco se interessam pela tradição, porque temos deixado de lado a grande lição da História: somos nada a não ser quando entendemos a teia que nos prende uns aos outros. Todo o empenho de destruir a memória histórica e a consciência cultural pode ser compreendido pela lógica de quem quer tornar as pessoas meros indivíduos, solitários e descontraídos, porque assim é mais fácil dominá-los e fazê-los se interessar pelos passatempos modernos.

Do ponto de vista da *sustentabilidade ambiental*⁸, por exemplo, podemos dizer que também sofremos o impacto do determinismo: nascemos num determinado momento da história, numa região específica, e isso definiu, de modo absoluto, muitas situações de nossa vida (maior nível de

poluição dos rios e do ar, menor qualidade de vida nas cidades, degradação do meio ambiente, por exemplo); situações estas que não foram vivenciadas por pessoas que nasceram antes de nós.

VISÃO HISTÓRICA DA NOÇÃO DE DETERMINISMO E LIBERDADE

Povos primitivos

Para o homem primitivo, carente de conhecimentos e de técnicas de controle e de explicação da natureza, a vida é determinada pelas forças sobrenaturais. A liberdade do ser humano está em obedecer aos preceitos da divindade. Se obedecer, será protegido e recompensado. Se fizer o contrário, será punido. Os mitos bíblicos da serpente, do fruto proibido e da expulsão do paraíso revelam de modo surpreendente essa estrutura de pensamento dos povos primitivos. As leis que regem o universo são leis sagradas, às quais se deve submissão e respeito absoluto.

Para a cultura grega, de onde nasceu a filosofia ocidental, é nas narrativas míticas de Homero, *Ilíada* e *Odisséia*⁹, que se podem encontrar as explicações para a dependência dos homens em relação às realidades sobrenaturais. Não há liberdade a não ser na obediência à lei sobrenatural.

O que resta em nosso tempo daquelas antigas concepções? Terá tudo ficado sepultado no passado? Não, nem tudo ficou sepultado. Os traços passados de nossa cultura deixam marcas profundas no futuro. Desse modo, daqueles tempos remotos ainda conservamos a noção de *destino*, por exemplo, que conserva forte influência sobre as pessoas: o destino é como uma força sobrenatural, inexplicável, que conduz nossas vidas para certa direção, sem que possamos escolher. Portanto, é uma força determinística que restringe nossa liberdade.

Antiguidade

Os povos antigos, sobretudo a partir da influência do pensamento filosófico grego, passam a compreender que a explicação de todas as coisas (e de também de nossa liberdade e nosso determinismo) está não mais em entidades e forças sobrenaturais, mas na natureza.

O que explica o que somos é a constituição profunda de nosso ser, nossa alma. Assim, para Platão¹⁰, as pessoas podem ter três diferentes tipos de alma. Há aqueles que têm alma de bronze e são inclinados às tarefas manuais, às artes, as coisas práticas. Depois, há aqueles cuja alma é de prata: são corajosos e valentes, destinando-se a ser atletas ou valentes guerreiros. Por fim, alguns são dotados de alma de ouro: apenas esses são capazes de se dedicar à reflexão,

ao desenvolvimento das capacidades racionais e serão conduzidos à filosofia e às ciências. O importante é notar que Platão acredita na imposição natural desses fatos. Ninguém escolhe o que vai ser antes de descobrir que tipo de alma lhe foi dada pela natureza. Existe, portanto, um determinismo de ordem natural.

O que restou dessa concepção em nosso modo de pensar atual? Restou a noção de que certas escolhas nos são limitadas pela natureza. Não temos liberdade plena, mas somos condicionados ou *determinados* pela natureza. Isso pode acarretar uma dimensão ideológica (ideologia, no sentido marxista do termo, é um *conjunto de ideias* que serve para impor um determinado modelo social). Por exemplo: quando se considera que as pessoas são diferentes em razão do sexo ou da raça (os negros foram considerados menos humanos enquanto prevaleciam os sistemas escravistas, as mulheres foram consideradas inferiores aos homens em muitas questões, durante muito tempo), ainda prevalece a concepção antiga de que é a natureza que determina nosso modo de ser e as possibilidades de nossas escolhas.

Hoje se fala de inclusão, não apenas na escola, mas em toda a sociedade. O empenho por considerar que os portadores de deficiência têm as mesmas condições e direitos das outras pessoas é uma forma de minimizar a *ideologia naturalista*. Embora a natureza imponha alguns limites às nossas escolhas, tais limites não são fatores determinantes nem absolutos.

Idade Média

A concepção medieval, firmada sobretudo a partir da tradição cristã, revela um traço surpreendente sobre a noção de liberdade e de determinismo. Em Agostinho de Hipona¹¹, um dos maiores pensadores da Idade Média, revela-se aquele traço cultural que vai perdurar por séculos. Em suas *Confissões*, Agostinho afirma: “Fizeste-nos para ti, Senhor, e o nosso coração está inquieto enquanto não repousa em ti”. O que se depreende dessa afirmação? A noção de que há um Deus para o qual todos nós tendemos. Nascemos para ele e vivemos a buscá-lo. A realização humana e a felicidade residem em viver de modo a que possamos encontrá-lo.

Daí surgem as noções de graça e de salvação¹² (viver na companhia de Deus) e de pecado (viver longe de Deus e dar as costas aos seus caminhos).

Em nossa cultura atual, sobretudo no Brasil e nos países latino-americanos, colonizados pelos portugueses e espanhóis, nações de tradição cristã, prevalecem traços dessa concepção. Como consequência, surge também a ideia de culpa e de reparação: devemos viver de modo a remediar nossos erros e pecados.

A vida humana, portanto, a partir dessa concepção, se desenrola na tensão entre o que nos aproxima de Deus e o que dele nos afasta. A liberdade está em seguir seus caminhos, condição para a plena realização. Em razão disso, as pessoas atribuem os fatos de sua vida à vontade divina: “Deus quis assim”, “Se Deus quiser...” são expressões comuns, do dia a dia, que revelam como a tradição medieval imprimiu suas marcas em nós.

Modernidade

A modernidade foi fortemente marcada pela racionalidade. As grandes descobertas científicas, a nova visão da Terra e do Sistema Solar, as explorações marítimas, mostraram ao homem a possibilidade de explicar tudo sem referência ao sagrado.

A tradição moderna, assim, revela que o homem é um ser racional de cuja vontade livre dependem suas realizações e seu destino. Pensadores como Hobbes¹³ e Rousseau¹⁴ defendem a ideia de que a vida humana em sociedade depende exclusivamente de nossos *contratos sociais*, embora eles partam de princípios distintos: para Hobbes, o homem é mau por natureza e a sociedade, nascida a partir do *contrato social*, o torna bom, justo, honesto. Para Rousseau, ao contrário, o homem nasce bom, tendendo às virtudes, e a sociedade o corrompe. Embora sejam concepções opostas, ambas estão apoiadas apenas na noção de que pela razão humana, sem referência a nenhuma outra força ou condição, se pode pensar os limites de nossa liberdade e os determinismos que nos amarram.

Não há submissão a leis sobrenaturais e divinas, nem a condicionamentos naturais. Pelo *contrato social*, todas as diferenças são minimizadas. É a razão que nos assemelha. E é ela que pode nos libertar daquilo que antes determinava nossos destinos: a natureza (a revolução científica e a Revolução Industrial¹⁵ são expressões do domínio humano sobre a natureza); os regimes políticos absolutistas (a Revolução Francesa¹⁶ é o ícone da liberdade política conseguida pelo esforço da razão humana); as concepções religiosas (Maquiavel, por exemplo, revela que é possível pensar a política de modo estritamente lógico, sem referência à religião).

O que garante nossa liberdade, nessa concepção? Unicamente a razão, que se expressa nos regimes democráticos e nas leis estabelecidas de modo consensual. É óbvio que não existe liberdade absoluta, embora os únicos determinismos e condicionamentos estejam presos às próprias leis.

Essa concepção reina fortemente entre nós, sobretudo porque a estrutura política e jurídica de nosso país (e das principais nações do mundo) está sustentada em princípios racionalistas.

Assim, a defesa dos direitos se faz mediante as leis. Vive-se, assim, no que se denomina um Estado de Direito.

LIBERDADE

O que é liberdade? É a ausência de todos os impedimentos à ação que não estejam contidos na natureza própria de cada coisa. Pensemos num rio. Por que dizemos “a água corre livremente rio abaixo”? Porque é de sua natureza correr rio abaixo, ela não pode subir o rio. Também é de sua natureza não correr para os lados, porque as encostas o impedem. As encostas fazem parte de sua natureza, porque se não fossem as encostas, não seria rio, poderia ser uma lagoa ou um banhado. E, quando não há nenhuma barragem, o rio segue seu curso livremente, desembocando em outros rios ou diretamente no mar. E todos os rios correm para o mar, porque assim é sua natureza. Portanto, é legítimo dizer do rio que corre livremente, porque não é impedido de fazer aquilo que sua própria natureza permite.

Vemos, portanto, que as condições básicas para a existência de liberdade são a consideração da natureza própria das coisas (ou das pessoas) e a ausência de impedimento ou de proibição. Uma profunda reflexão sobre a liberdade pode ser encontrada na obra *Fernão Capelo Gaiivota*¹⁷, de Richard Bach.

A liberdade é “uma qualidade ou propriedade da pessoa (não importa se física ou moral)” (BOBBIO, 2002, p. 12). “Ele é livre” significa, portanto, que possui a qualidade da liberdade. E se é uma qualidade, pode existir em maior ou menor grau: numa sociedade, pode-se dizer, portanto, que “todos são livres”, embora alguns sejam “mais livres que outros”. A liberdade, assim, pode ser compreendida tanto do ponto de vista individual quanto coletivo, embora a liberdade coletiva signifique sempre a soma das liberdades individuais: uma nação é livre se os indivíduos que a ela pertencem gozam de liberdade¹⁸.

Liberdade física

Por *liberdade física* entende-se a qualidade de quem não está impedido fisicamente de ir e vir ou de fazer algo. Um prisioneiro perdeu a liberdade física: não pode ir onde quer, precisa ficar restrito aos espaços físicos de sua cela. Uma pessoa doente, que já não tem mais a flexibilidade da juventude, também perdeu a liberdade física para correr ou para movimentar-se com mais agilidade: fica presa em casa ou no seu quarto. Uma criança que nasceu paraplégica também não goza da liberdade física, assim como uma pessoa que não pode enxergar.

Há ainda os limites impostos pela natureza: eu não posso voar como os pássaros voam; não posso nadar como nadam os peixes; não posso enxergar à noite como uma coruja enxerga, e assim por diante. Da mesma forma, não posso estar em dois lugares ao mesmo tempo, como às vezes gostaria de estar. E não posso viajar numa máquina do tempo, nem pretender viver para sempre.

Minhas condições naturais permitem-me algumas coisas e me impedem de outras. Essa é a situação no que diz respeito à liberdade física.

Liberdade moral

A *liberdade moral*¹⁹, por sua vez, refere-se à nossa consciência. Uma pessoa, por exemplo, que segue certos preceitos religiosos, é levada a fazer algo ou a evitar algo sem nenhuma forma de coação física. A decisão sobre sua ação reside, simplesmente, em sua liberdade moral. Quando tomo uma determinada decisão sem ser impelido ou impedido interiormente por algo, digo que sou livre. “Faça o que quiser”, dirá a minha consciência quando eu realmente for plenamente livre sob o aspecto moral. Mas, geralmente ouvimos expressões como “Veja bem, procure ser justo”, “Não escolha a mentira”, “Prefira o bem ao mal”. Nossa consciência, em consequência da educação moral que recebemos, limita nossa liberdade.

Os preceitos morais agem sempre no nível da consciência. Alguém pode ter aprendido de seus pais a ser honesto “custe o que custar”. Numa situação decisória de sua vida, embora não haja coação física (seus pais poderão estar ausentes ou até mesmo terem morrido), aquela lição moral limitará a liberdade dessa pessoa.

LIBERDADE INDIVIDUAL E SOCIAL

O conceito de liberdade não se aplica apenas aos indivíduos, mas também aos grupos humanos, sejam nações, povos, instituições ou outras formas de organização coletiva. Contudo, a base do direito à liberdade parece ser a mesma: nossa condição de igualdade e a dignidade da pessoa humana.

Enrique Dussel²⁰ mostrou que a liberdade ou a exploração de um povo surgem do mesmo modo como a liberdade ou a exploração entre os membros de uma família. Nas culturas marcadas pela exploração do outro, o marido priva a liberdade da esposa; o pai priva a liberdade do filho; o irmão priva a liberdade do outro irmão. No primeiro caso, é preciso pensar uma *libertação erótica*: a mulher precisa ser reconhecida nos seus direitos e na sua dignidade e, assim, será capaz de conquistar a própria liberdade, condição para que reine o amor no lugar da dominação. No

segundo caso, o filho precisa conquistar o respeito pela sua própria dignidade, sendo acolhido pelos pais em sua individualidade. É reconhecida, assim, a possibilidade do filho ser sujeito de sua própria história: trata-se, portanto, de construir uma *libertação pedagógica* (que se aplica, também, nas relações entre mestre e educando). Por fim, vem a *libertação política*, ou seja, aquela que se realiza na esfera do relacionamento entre os irmãos; o reconhecimento da liberdade e da autonomia do irmão tornam-se garantia de que as relações sejam pautadas pelo respeito e não pela dominação de um sobre o outro.

REPRESSÃO E CENSURA

Censura é um mecanismo de controle social. Como tal, serve para vigiar o cumprimento das leis e o uso da liberdade das pessoas. Michel Foucault²¹ mostrou que em todas as situações de nossa existência, mesmo nas estruturas sociais *microfísicas*²², existem estruturas de poder, isto é, estruturas de controle dos indivíduos e de seus corpos (FOUCAULT, 1992). As estruturas de poder exercem controle sobre nosso modo de ser e de agir, limitando nossa liberdade. Constantemente, nos sentimos vigiados por uma presença invisível que nos observa e guia nossos passos (Foucault fala do *panóptico* (FOUCAULT, 1996) como instrumento pelo qual se exerce esse controle visual sobre as pessoas: trata-se de algo como uma torre, coberta de espelhos, atrás dos quais somos vistos por quem nos controla, mas não podemos ver quem é e se realmente está lá ou não).

Liberdade e censura são qualidades inversamente proporcionais, isto é, quando se tem em maior quantidade uma delas, a outra diminui e vice-versa. Por exemplo: a liberdade de expressar minhas opiniões políticas é, hoje, no Brasil, uma qualidade amplamente aceita e defendida. Não há, portanto, censura política. Sou livre para dizer o que penso sobre os governantes e as decisões políticas que regem a sociedade brasileira. Mas, nem sempre foi assim no país. Na época do Regime Militar (entre as décadas de 60 a 80 do século XX), a censura era exercida até às últimas consequências: as pessoas eram severamente vigiadas, não tinham liberdade para dizer o que pensavam (por isso muitos intelectuais e professores foram presos, torturados e assassinados porque talvez, pois, criticavam abertamente o poder e seus feitores).

Nos governos democráticos, a liberdade é maior do que a censura. É este tema um ponto importante para a questão daquilo que se chama *sustentabilidade política*²³. Ao contrário, nos governos ditatoriais, a censura é maior do que a liberdade. O mesmo vale para as famílias, a escola, as religiões, as empresas etc. Porque também nessas instituições nós agimos ou deixamos de agir de acordo com as regras e normas de conduta que são estabelecidas. Mas, vale o mesmo

princípio: quanto mais liberdade, menos censura e controle; quanto mais censura e controle, menos liberdade.

A liberdade não é absoluta. Ela esbarra sempre nos limites da liberdade do outro e nos limites da lei (além dos limites impostos pela própria natureza, como já analisamos). Mas, também a repressão não é absoluta. Um preso político, por exemplo, pode ter sido privado da liberdade física, mas certamente isso não foi suficiente para obrigá-lo a abrir mão de suas ideias e de seus princípios.

LIBERDADE E SUSTENTABILIDADE

Estas reflexões ajudam-nos a compreender, em síntese, que a liberdade humana encontra-se entre o limite daquilo que já está determinado em nossa vida e daquilo que nós podemos escolher. No campo das questões que são envolvidas pelo conceito de sustentabilidade, isso é muito importante: nós não podemos fazer tudo ou decidir qualquer coisa, mas devemos fazer as melhores opções, dentro do que a nós é possível, para criar um mundo cada vez mais sustentável. Embora muita coisa já esteja determinada (do ponto de vista ambiental, por exemplo, espécies extintas nunca mais poderão voltar à vida), o *futuro está aberto*, como dizia Karl Popper²⁴, e por isso precisamos acreditar na possibilidade de construir condições melhores de vida para nós e para as gerações vindouras.

INDICAÇÕES DE LEITURA

BOBBIO, Norberto. **Igualdade e liberdade**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

DUSSEL, Enrique. **Caminhos da libertação latino-americana**. São Paulo: Paulinas, 1985.

DUSSEL, Enrique. **Para uma ética da libertação latino-americana**. São Paulo: Loyola, 1987.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1996.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

OLIVEIRA, Paulo Eduardo de. **Educar para a vida**: reflexões para pais e educadores. Petrópolis: Vozes, 2007.

POPPER, Karl. **Sociedade aberta e seus inimigos**. São Paulo/Belo Horizonte: EDUSP, Itatiaia, 1975.

POPPER, Karl Raimund; Nuno Ferreira da Fonseca. **O universo aberto**: Argumentos a favor do indeterminismo. Lisboa: Dom Quixote, 1988.

DEFINIÇÕES E NOTAS EXPLICATIVAS

- 1 Jean-Paul Sartre (1905-1980) foi um filósofo, escritor e crítico francês, conhecido como representante do existencialismo. Entre suas principais obras destaca-se *O ser e o nada* e *A náusea*.
- 2 José Ortega y Gasset (1883-1955) foi um filósofo espanhol. Também atuou como ativista político e jornalista. Entre suas principais obras, destacam-se: *Em torno a Galileu*, *Estudos sobre o amor* e *Que é Filosofia*.
- 3 **Indicação de link:** Como leitura complementar, indica-se o texto *Como nasce a ética*, do escritor brasileiro Leonardo Boff, disponível em: < <http://leonardoboff.com/site/vista/outros/como-nasce.htm> > .
- 4 Martin Heidegger (1889-1976) foi um filósofo alemão, de linha existencialista, que influenciou importantes filósofos como Jean-Paul Sartre. Entre suas principais obras, destaca-se *Ser e Tempo*.
- 5 A palavra “determinismo” deriva do verbo determinar. No sentido aqui usado, designa aquilo que está definido, pronto ou acabado de modo absoluto.
- 6 A palavra “ontológico” vem do grego e significa, literalmente, o estudo sobre o ser. Trata-se de um ramo ou disciplina da Filosofia que estuda a constituição das coisas em sua própria natureza ou essência.
- 7 **Indicação de link:** Para aprofundar o estudo do tema, ver o significativo artigo de Moacir Gadotti sobre a educação para a sustentabilidade, disponível em: < <http://revista.ibict.br/inclusao/index.php/inclusao/article/viewFile/113/122> > .
- 8 **Indicação de link:** Para aprofundar o estudo deste tema, veja-se o artigo disponível em: < <http://www.ecologiaurbana.com.br/sustentabilidade/como-garantir-sustentabilidade-ambiental/> > .
- 9 *A Ilíada* é o mais antigo poema grego. Foi escrito por Homero por volta do século VII a.C. e descreve o último ano da guerra de Tróia, que durou cerca de dez anos. *A Odisséia* é a obra mais popular da antiga literatura grega. Descreve as aventuras de Ulisses ao tentar regressar a sua terra natal, depois da vitória da Grécia na guerra de Tróia.
- 10 **Indicação de link:** Sobre a ideia platônica de alma, pode-se ver o artigo disponível em: < <http://filosofonet.wordpress.com/2011/06/18/a-teoria-da-alma-em-platao/> > .
- 11 Aurélio Agostinho, dito de Hipona, cidade onde viveu seus últimos anos, é também conhecido como Santo Agostinho (354- 430). Foi bispo católico, escritor, teólogo e filósofo. Sua principal obra é *Confissões*.
- 12 **Indicação de vídeo:** Para uma compreensão mais ampla destes temas no contexto do pensamento medieval, pode-se ver o filme *Em nome de Deus*, que retrata a vida do filósofo Pedro Abelardo, disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=TeJ-IDG8ldA> > .
- 13 Thomas Hobbes (1588-1679) foi um matemático, teórico político, e filósofo inglês, autor de *Leviatã* (1651) e *Do cidadão* (1651). É um dos principais representantes do pensamento absolutista inglês.
- 14 Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) foi um importante filósofo, teórico político, escritor e compositor autodidata suíço. É considerado um dos principais filósofos do iluminismo e um precursor do romantismo. Entre suas obras, destacam-se: *Discurso Sobre a Origem da Desigualdade Entre os Homens*, *Do Contrato Social* e *Emílio ou da Educação*.

- 15 **Indicação de vídeo:** Para compreender melhor a Revolução Francesa, ver o vídeo disponível em < <http://www.youtube.com/watch?v=meSQG6bNvOM> >.
- 16 **Indicação de vídeo:** Para compreender melhor a Revolução Francesa, ver o vídeo disponível em < <http://www.youtube.com/watch?v=j--WjKAti0M> > .
- 17 **Indicação de vídeo:** Uma parte desta obra, transformada em filme, pode ser vista no seguinte link: < <http://www.youtube.com/watch?v=oCzCIRhFUMw&feature=related> > .
- 18 **Indicação de link:** Sobre a relação entre ética e liberdade, pode-se ver o artigo disponível em: < <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=23439> > .
- 19 **Indicação de vídeo:** Para compreender melhor o conceito de liberdade moral, pode-se ver o breve documentário de Mário Sérgio Cortella, disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=RFIVgcl4A1M&feature=related> > .
- 20 **Indicação de vídeo:** Para uma compreensão mais ampla do pensamento de Enrique Dussel, veja-se o vídeo disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=eKX0w869sMI> > .
- 21 **Indicação de vídeo:** Para uma compreensão mais ampla do pensamento de Enrique Dussel, veja-se o vídeo disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=eKX0w869sMI> >
- 22 Como a palavra indica (micro = pequeno, reduzido), trata-se de estruturas sociais em que, mesmo nas relações mais estreitas e nas situações cotidianas, existem “pequenas” expressões de poder. Um exemplo é a relação entre irmãos, na qual geralmente o irmão mais velho tende a se sobrepor aos mais novos.
- 23 **Indicação de link:** Pode-se ver, a esse respeito, o artigo sobre a dimensão política da sustentabilidade, disponível em: < http://www.anppas.org.br/encontro_anual/encontro2/GT/GT11/michelly_ramos.pdf > .
- 24 Karl Popper (1902-1994), filósofo austríaco, cujo pensamento se destaca principalmente no campo da filosofia da ciência e da filosofia social. Entre suas obras, destacam-se: *A lógica da pesquisa científica* e *A sociedade aberta e seus inimigos*.